

# VER PARA CRER, TOCAR PARA VER: 1ª EXPOSIÇÃO DE ARTES VISUAIS PARA CEGOS NOS CAMPOS GERAIS

## SEEING IS BELIEVING, TOUCHING IS SEEING: 1<sup>ST</sup> VISUAL ARTS EXPOSITION TO BLIND PEOPLE IN CAMPOS GERAIS

*Ivana Dantas Rego<sup>1</sup>*

*Nelson Silva Junior<sup>2</sup>*

UEPG - PR

### RESUMO

O presente artigo relata o processo que resultou na primeira exposição de Arte Visuais totalmente voltada para pessoas cegas, realizada na cidade de Ponta Grossa, a partir do projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver, que deu o nome à exposição. Tendo a Arte como instrumento principal de inclusão social, esta exposição possibilitou para essas pessoas um espaço para o exercício de seus direitos e uma perspectiva na melhoria da qualidade de vida. O projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver teve como uma de suas diretrizes principais a pesquisa sobre o uso da cor e da forma para a produção de obra de arte tátil, dando condição à apreciação e fruição da Arte de forma plena pela pessoa cega.

Palavras-chave: Arte. Arte Tátil. Inclusão. Interação. Cidadania.

### ABSTRACT

This article describes the resulted process of the first Visual Arts Exposition totally prepared to blind people, held in Ponta Grossa, from the Seeing is Believing, Touching is Seeing, what named the exposition. Since the art is the main instrument of social inclusion, this exhibition made available for these people a right exercising space and a perspective of improving the quality of life. Seeing is Believing, Touching is Seeing Project had, as one of its main guidelines, research on color and form uses to produce tactile art, providing total condition to a blind person have an art appreciation and enjoyment .

Keywords: Art. Tactile art. Inclusion. Interaction. Citizenship.

<sup>1</sup> Mestre, professora colaboradora do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenadora do projeto. mcirego@uol.com.br

<sup>2</sup> Mestre, professor do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenador do projeto. nelsonsj194@yahoo.com.br

## Introdução

O presente trabalho trata da primeira exposição de arte para pessoas cegas na cidade de Ponta Grossa, efetivada através do projeto *Ver Para Crer, Tocar Para Ver*, que aconteceu com apoio do Departamento de Artes e da Galeria de Arte PROEX, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Dele participaram: professores e acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UEPG e artistas plásticos da cidade de Ponta Grossa. O projeto realizou-se no ano de 2009 envolvendo a comunidade, em especial a comunidade de pessoas cegas, priorizando assim um importante eixo da educação, a inclusão, fortalecendo juntamente com professores e acadêmicos o trinômio Ensino - Pesquisa - Extensão.

O Projeto, que teve como foco as pessoas cegas, apresentou uma produção que permitiu a interação tátil entre o espectador e a obra e não tinha a intenção de aproximar os cegos a uma normalização, mas de criar um ambiente que lhes desse condições de acesso a Arte, o mais semelhante possível à percepção, da forma e da cor, de pessoas videntes.

Segundo Emílio Figueira, na *Antiguidade Pagã* as pessoas cegas estavam destinadas ao isolamento e ao abandono, sendo consideradas pessoas desprezíveis e inúteis para a sociedade. Os cegos desse período eram pessoas totalmente excluídas dessa sociedade. É na Idade Média que surge a primeira oportunidade para que as pessoas cegas encontrem o que Figueira (2003) chama de “uma posição no mundo”, quando surgem os cancioneiros, declamadores e jograis, artistas que se dedicam a uma arte centrada na fala e na canção. Esta é uma das primeiras manifestações que possibilitaram às pessoas cegas se organizarem enquanto profissionais e constituírem uma classe.

No Renascimento os cegos passam a ser tema para alguns dos grandes artistas da época e assim podemos encontrar na *História das Artes Visuais*. Segundo Figueira (2003), são exemplos obras como “Parábola dos Cegos” de Pieter Bruegel, na qual o pintor retrata um grupo de pessoas cegas caindo em uma vala; “O Tocador de Alaúde”, de La Tour e “Os Cegos de Jericó”, pintado por Nicolas Poussin, em 1651, onde o artista retrata Jesus curando dois cegos. Essas manifestações demonstram que a sociedade renascentista ainda via as pessoas cegas como pessoas a margem dessa sociedade ou como executores de poucas atividades.

As artes, em especial a partir da música, representaram para as pessoas cegas as primeiras oportunidades de inserção num mundo que as excluía. Nas Artes Visuais os cegos passaram de tema à artistas, timidamente no século XIX e com maior intensidade a partir do final do século XX. Hoje vivemos um momento que discute não a Arte produzida por pessoas cegas, mas sim a Arte produzida para pessoas cegas. É cada vez maior o número de artistas, professores de Arte e espaços como museus e galerias voltados para as problematizações que envolvem uma exposição na qual pessoas cegas possam participar como observadores e fruidores da Arte exposta.

Em sua maioria, temos testemunhado exposições que estão, prioritariamente, preocupadas em fazer com que o visitante possa “provar” das sensações que uma pessoa cega tem ao entrar em contato com uma escultura, uma pintura ou uma fotografia. Artistas como Eni D’Carvalho, com a exposição “Sentir e Agir” e Cristina Portela, com a exposição “Cores do Silêncio”, têm, segundo as próprias artistas, buscado a quebra do paradigma “Não toque”, comum em exposições de Artes Visuais. O trabalho dessas

artistas tem reconhecimento internacional, destacando-se como pioneiros na Arte Tátil.

Segundo Ganzarolli (2002), a falta de visão é tida até hoje como o mais grave dos impedimentos sensitivos, o que o próprio autor contesta ao analisar a perda dos cinco sentidos: o homem desprovido de olfato consegue adaptar-se sem grandes dificuldades. O grau de dificuldade aumenta quando se trata do paladar, aumentando ainda mais quando se trata da audição. Para o autor, uma pessoa com a perda de qualquer um dos sentidos mencionados pode manter sua deficiência despercebida em diversas ocasiões, tendo assim um convívio social facilitado. Quando se trata da cegueira, esta é facilmente identificável, dificultando muitas vezes a convivência em sociedade, seja pelas restrições impostas pela falta da visão, seja pelo próprio preconceito que envolve a cegueira.

Entretanto, continua o autor afirmando que a pior das carências, no campo sensorio, não é a visual: “A vida tende a tornar-se bem mais difícil diante da ausência completa de visão; mas a vida torna-se efetivamente impossível, no que tange à posse integral dos cinco sentidos, apenas se uma pessoa não possui o tato”. O tato, por estar ligado à percepção da dor, nos alerta sobre o perigo do contato com determinados objetos que teriam efeitos nocivos ao nosso organismo.

O tato dita-nos os limites físicos entre nós e os outros seres, na medida em que se expande pela superfície corpórea, colaborando ainda para o nosso equilíbrio mecânico. A ausência total do tato é tão grave e terrível que a própria natureza encarregou-se de torná-la rara. Com efeito, só ocorre em casos excepcionais de lesão cerebral, o que, por sua vez, traz consigo uma série de outros impedimentos e complicações orgânicas (GANZAROLLI, 2002).

As exposições táteis representam para as pessoas cegas a possibilidade e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo, até então formado exclusivamente por pessoas que podem ver. Para Reily (2004), a pessoa cega ao manusear uma imagem tridimensional poderá conhecer aquilo que não lhe é acessível na vida real pelos mais diversos motivos, tais como: por ser perigoso (um animal), por ser muito grande (Cristo Redentor), por ser distante (Torre Eiffel), por ser uma fantasia (um unicórnio). O pensamento de Reily mostra-nos o universo passível de conhecimento para uma pessoa cega, através de uma exposição tátil.

## **Metodologia**

O projeto “Ver para Crer, Tocar para Ver” tem na arte um forte instrumento de inclusão social, capaz de disseminar valores e conscientizar a sociedade sobre a necessidade de atitudes e posturas significativas na busca da cidadania de grupos com necessidades especiais, como o de cegos, possibilitando a essas pessoas espaço para uso dos seus direitos e de uma melhor qualidade de vida.

Em Ponta Grossa, a quarta maior cidade do estado do Paraná, com uma população

de aproximadamente 311.000 habitantes (IBGE, 2008), as exposições de Arte são voltadas exclusivamente para o público vidente. Não se tendo registro, até hoje, de uma exposição feita especificamente para pessoas cegas.

Um projeto como esse estabelece uma produção pictórica a partir da relação da percepção visual e tátil possibilitando a apreciação e a fruição da Arte. Propicia ainda a inclusão das pessoas cegas de Ponta Grossa e região ao universo das Artes Plásticas, incentivando a participação deste público em eventos culturais.

Para a efetivação deste projeto de Extensão foi feito um estudo exploratório com pessoas cegas, com destaque à filósofa e escritora Marilza Viera de Matos, nascida no estado da Bahia, com formação em Técnica em Contabilidade, tecnóloga em Processamento de Dados e Graduada em Filosofia. Este estudo permitiu que chegássemos a melhor forma de elaboração pictórica, bem como a uma melhor elaboração de estudos de texturas, relacionando a cor à temática que fosse de maior interesse para o universo das pessoas cegas.

Questões como ‘quão deve ser a complexidade ou simplicidade de uma forma para facilitar a percepção?’, ‘Quais seriam as temáticas de interesse para serem trabalhadas pictoricamente?’ nortearam o início do trabalho. Porém de todos os questionamentos levantados pela equipe de coordenadores e artistas a mais complexa foi como levar a percepção da cor para as pessoas cegas. Esse foi o nosso maior desejo, sonho e desafio no projeto, pois em todas as exposições já elaboradas no Brasil para cegos, que tomamos conhecimento, explora-se apenas a percepção tátil da forma.

Percebendo a força e a importância do tato para essas pessoas, vimos na textura o caminho para solucionar a questão da cor. Porém tínhamos dúvidas e obstáculos a serem vencidos, daí iniciamos no primeiro semestre de 2009 testes com materiais e tintas diversas. O primeiro momento foi estabelecer uma relação da textura com a cor para levar a melhor sensação de cada uma delas para o apreciador da obra.

Pesquisamos inúmeros materiais: aveia, areia, arroz, canudos plásticos, linhaça, trigo, açúcar, entre outros. Procuramos fazer uma relação da nossa percepção visual da cor com a percepção tátil. Por exemplo: o vermelho é para a nossa percepção uma cor forte, que chama a atenção. Assim, relacionamos a essa cor uma textura forte, mais áspera, que também chamaria mais a atenção da sua tatilidade. Fazendo essa relação, definimos seis cores para serem percebidas tatilmente: preto, textura do trigo; vermelho, textura de canudos plásticos de refrigerante; verde para a linhaça; azul para areia fina; amarelo para o sagu; e o branco, a cor mais suave, ficou com a própria textura da tela. Para que o espectador pudesse perceber a cor, foi criada uma legenda em Braille, sugestão da nossa consultora, a Filósofa Marilza Vieira de Matos, que seria colocado ao lado de todas as obras.

Tínhamos ainda um grande desafio: garantir a resistência das texturas/cores já que as obras seriam muitas vezes tocadas. Iniciamos novos testes com as texturas escolhidas,

decidindo pela tinta acrílica para a tela, por ser uma tinta de secagem rápida, característica esta que facilitou o trabalho. Porém, percebemos que apenas as tintas não fixariam os elementos utilizados nas texturas quando as mesmas secassem. Resolvemos agregar a essas tintas um agente de ligação que garantisse a fixação das texturas à tela. Escolhemos a cola industrial à base de água, que se ajustou como adesivo e agente de ligação da textura, misturando-se com a tinta acrílica facilmente, por ser também à base de água. Para estabelecer a forma, usamos um barbante grosso que delimitava os seus contornos a fim de facilitar a percepção por parte dos apreciadores.

O tema definido pela equipe foi: pontos turísticos e aspectos que compõem a cultura da região. Marilza Matos nos ajudou no fechamento dessa temática quando disse: “a pior coisa para uma pessoa cega é ouvir falar de marcos importantes de uma cidade e não ter nenhum referencial para esta percepção. Como é a Torre Eiffel ou o Elevador Lacerda? Não temos como tatear coisas como essas”. Daí seguimos com esse tema, possibilitando às pessoas cegas perceberem elementos que caracterizassem a cidade de Ponta Grossa e a região dos Campos Gerais. Dentre alguns pontos turísticos apresentados, podemos citar: a Vila Hilda, a Galha Azul, o Pinheiro de Araucária, a Taça do Parque Vila Velha, o Portal de Entrada da Cidade de Ponta Grossa, a Igreja Matriz, a Universidade, dentre outros.

Para a produção, utilizamos como suporte telas de 50 x 50 cm, do tipo painel. No momento da exposição estava, ao lado de cada obra, uma legenda de cores, o título e um pequeno texto sobre o tema apresentado, informações estas apresentadas em Braille. Para a locomoção no espaço da exposição, foram colocadas faixas sinalizadoras a fim de facilitar o posicionamento no observador. Participaram do projeto como artistas: Adriana Rodrigues Suarez, Ana Cláudia Bastiani, Carla Emilia Nascimento, Celso Parubocz, Delmy Kapp da Costa, Fabia Cruz Machado, Felipe Otoniel de Oliveira Martins, Gisele Mugnaine, Luzita Erichsen, Maria Beatriz Cordega, Paulo Ricardo Amarante e Viviane Aparecida Oliveira da Silva.

**Figura 1 - Visitante cego, tocando a obra**



Fonte: autor



**Figura 2 - Produção das obras**



Fonte: autor

**Figura 3 – Obra em exposição**



Fonte: autor

## **Resultados e Conclusões**

O projeto ‘Ver para crer, tocar para ver’ caracterizou-se essencialmente como um projeto de extensão e como tal propiciou aos participantes (acadêmicos e professores) vivenciar, no campo da extensão, os ensinamentos da sala de aula pertinentes a produção e a fruição da obra de Arte. Os acadêmicos acompanhados e supervisionados pelos professores envolvidos no projeto produziram suas obras a partir de conceitos sobre os elementos visuais, tais como a linha, a cor, a textura, as superfícies, os planos, tornando-se assim sujeitos de um processo da aprendizagem. Para a organização da exposição foram

trabalhados conceitos de curadoria, mediação, organização de eventos e história da Arte. O projeto ainda propiciou aos envolvidos na sua execução a inserção no tema da cegueira, numa perspectiva da inclusão social e da transformação da sociedade.

Com todas as dificuldades que tivemos para realizar o projeto, impossibilitando sua continuidade plena, é possível concluir até então que a exposição Ver para Crer Tocar para Ver, que aconteceu no prédio da Galeria de Artes da PROEX, foi sem dúvida um momento de vanguarda na Arte em Ponta Grossa. A partir do contato de pessoas cegas com as obras, o grupo retomou seu trabalho numa nova perspectiva: passando a um segundo momento, contar com a assessoria de alguns cegos que visitaram a exposição e assim produzir novas obras ou mesmo reformular as já produzidas, revendo técnicas e processos utilizados na realização da primeira exposição. A ideia de interatividade é a palavra de ordem na Arte Contemporânea e o que foi apresentado às pessoas cegas nesta exposição esteve intimamente ligado ao toque, que levou o expectador sem visão a uma inclusão ao mundo das artes plásticas, tendo sido um exemplo de arte interativa que desafiou, transformando o espectador em ator.

Segundo o poeta italiano Filippo Marinetti, que em 1921 lançou o Manifesto do Tatilismo, “um sentimento visual nasce nas pontas dos dedos” e o projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver propiciou aos seus participantes um novo olhar, o olhar do toque.



## REFERÊNCIAS

AMARAL, L.A. Conhecendo a deficiência. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BARBOSA, A. M. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares. Secretaria de Educação especial. Brasília: MEC, SEF, SEESP, 1998.

CAIADO, K.R.M. Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos. São Paulo: Autores Associados, 2004.

DONDIS, D. A. Sintaxe da Linguagem Visual. CAMARGO, J.L. (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FIGUEIRA, E. A presença da pessoa com deficiência visual nas Arte I. São Paulo: USP-SP, 2003.

GANZAROLLI, J. V. Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002.

MAZZOTA, M. Educação Especial no Brasil: história e políticas educacionais. São Paulo: Ed. Santos, 2003.

OSTROWER, F. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1996.

REILY, L.H. Escola Inclusiva: linguagem e mediação. São Paulo: Papyrus, 2004.

ROCHA, H, GONÇALVES, E. Ensaio sobre a problemática da cegueira. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha, 1997.

